

Desde os anos 20, quando o Brasil, numa tentativa de afirmar sua independência cultural em relação aos portugueses, tinha em Portugal tão somente um contraponto para a afirmação de uma “língua brasileira”²⁷⁵, diferenciada de uma língua portuguesa e quando em Portugal, a literatura brasileira já circulava em rodas literárias com bastante reconhecimento – e algum desdém, já que o Brasil ainda era visto por alguns como um país exótico, culturalmente dependente do seu colonizador – até o acordo político-cultural que dá corpo à *Atlântico*, nos anos 40, inúmeras foram as formas, entre farpas e trocas de influências, de contato estabelecidas entre Brasil e Portugal. Dentre elas destacam-se os diálogos, diretos ou indiretos, entre José Osório de Oliveira e diversos nomes do Modernismo brasileiro, mantidos com o intuito de divulgar e trocar conhecimentos e obras de literatura e cultura entre os dois países. Diálogos esses que configuram parte significativa da história das relações literárias entre os dois países, como se pode perceber, no trecho que se segue, retirado do jornal *Diário de Notícias* de 18 de agosto de 1940, no qual Mário de Andrade reconhece a importância de José Osório de Oliveira no intercâmbio cultural lusobrasileiro:

[...] A bem dizer, não havia literatura brasileira em Portugal. Havia quando muito algum literato brasileiro, com Coelho Neto por chefe de fila. Eis que surge José Osório de Oliveira e lança em Portugal um mito. A literatura brasileira. E em seguida, com suas amizades, com sua crítica, com seus ensaios, ele consegue transformar o mito em realidade.²⁷⁶

Em contrapartida, José Osório de Oliveira, nomeado, em 1938, chefe de propaganda da Agência Geral das Colônias portuguesas, além de trabalhar na divulgação da literatura brasileira em Portugal, mantendo contato, em forma de missiva ou mesmo pessoalmente, com inúmeros intelectuais do Brasil, ainda que mais detidamente com Mário de Andrade – segundo Ricardo de Souza Carvalho, José

²⁷⁵ Que reconhece característica próprias da nossa linguagem oral.

²⁷⁶ ANDRADE, M. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1940. Apud: SARAIVA, A. op. cit., p. 600.

Osório conheceu Mário em 1923, numa visita que fez a São Paulo e com ele se correspondeu de 27 de agosto de 1923 até 22 de Janeiro de 1942 – enviava pelos correios (apesar de nem sempre chegarem) periódicos e livros portugueses que pudessem interessar a Mário e aos escritores brasileiros:

[...]Também deve ser influência de você: alguns poetas portugueses têm me mandado livros ultimamente. Estou assim mais em contato com o lirismo de Portugal, e reaprendendo a amar esse lirismo.²⁷⁷

E de Mário recebia, quando o serviço postal permitia, exemplares da literatura brasileira:

[...]
Recebi três (!) exemplares das suas Poesias, mas nenhum se perdeu, pois cedi dois a jovens poetas que ansiavam por conhecê-lo. A elas me referi nas “Notícias da Poesia de duas maneiras”²⁷⁸, que publiquei no nº2 da *Atlântico*. No 1º número transcrevi parte de um ensaio sobre o Aleijadinho, e no 3º publiquei “A Dona ausente”, enviada pelo DIP. Só se fosse de todo impossível, não daria, nessa revista Lusobrasileira, todo o lugar a Mário de Andrade.

Recebi também, com que prazer!, os **Aspectos da literatura Brasileira** numa relação de “Contos brasileiros” com que inauguro a Coleção Brasil, por mim dirigida. Lá terá seu lugar como contista.²⁷⁹

Entretanto, esses “encontros” e trocas entre Mário e José Osório, além de tantos outros mantidos entre escritores de Brasil e Portugal, acabam por revelar o esforço empreendido pelo SPN/SNI e DIP, reiterado pelo Acordo Cultural Luso-brasileiro, em manter estreitas as relações políticas, para além das intelectuais e artísticas, entre os dois países²⁸⁰.

Assim, tomando como base os vários textos que compõem o *corpus* documental que é a *Atlântico*, podemos perceber que a produção de discursos aos

²⁷⁷ SARAIVA, A. (Org.). Correspondência inédita de Mário de Andrade a José Osório de Oliveira, Abril 1935. *Modernismo brasileiro e Modernismo português*, p. 409.

²⁷⁸ “Queria passar, não digo à análise, mas à exposição, minha opinião sobre a obra de um poeta brasileiro: Mário de Andrade, cujas *Poesias*, por ele próprio escolhidas, me chegaram às mãos agora, se bem que editadas em 1941, num volume perto de 300 páginas”. In: OLIVEIRA, J. O. Notícias da Poesia de duas maneiras. In: *Atlântico* Revista **Luso-Brasileira**, nº2 (1ª Série), 1942, p. 355.

²⁷⁹ SARAIVA, A. (Org.). Correspondência inédita de José Osório de Oliveira e Mário de Andrade. Out. 1943. op.cit. p.458.

²⁸⁰ Ainda que Getúlio Vargas afirme, em discurso de inauguração do Instituto de Alta Cultura Luso Brasileiro, ainda em 1934, que: “Não nos prende [a Portugal], neste momento, nenhum elo de subordinação ou de vassalagem, quer de ordem econômica, quer de ordem intelectual, quer de ordem política, ou de qualquer outra espécie”. VARGAS, G. Apud: FONTES, L. In: *Atlântico* Revista **Luso Brasileira**, nº1 (1ª Série), 1942, p.2.

quais a revista remete traz consigo não só uma parte da história social e intelectual do Estado Novo, indicando sua temporalidade, suas rupturas e suas continuidades, mas também a relação intrínseca entre linguagem e ordem político-social. Portanto, ao analisarmos o discurso oficial que compõe a revista à luz do interdiscurso proposto por Foucault em sua *Arqueologia do saber*, podemos perceber que os diferentes textos que citamos, como uma teia discursiva :

Remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época.²⁸¹

Nesse sentido, a *Atlântico*, além de divulgar nomes das culturas brasileira e portuguesa – ainda que as colaborações portuguesas se fizessem presentes em maior número²⁸² – reserva em seu *corpus* um espaço onde escritores do Brasil expõem suas opiniões acerca da literatura em Portugal e em que intelectuais lusos fazem suas considerações sobre obras de autores brasileiros, dando destaque também a notícias de caráter oficial ligadas ao intercâmbio político-cultural lusobrasileiro.

Dentre essas notícias, podemos destacar, na cena oficial lusobrasileira, Programas, Congressos e Prêmios, criados a partir do Acordo Cultural Lusobrasileiro, dentre eles o “Prêmio de Pero Vaz de Caminha”²⁸³, que deveria ser atribuído à melhor obra literária, científica ou histórica escrita por autor português ou brasileiro e que tratasse de assuntos do interesse de Brasil e Portugal, como também a criação do programa de rádio *Meia-Hora Brasileira*²⁸⁴ que, idealizado por António Ferro era transmitido pela Emissora Nacional de Lisboa, a cargo de José Osório de Oliveira, no qual deveriam ser divulgados, em forma de recital, poemas de destaque da literatura brasileira. Além da “Convenção Lusobrasileira sobre a Língua Portuguesa”²⁸⁵ – assinada no dia 29 de dezembro de 1943, no Palácio de São Bento, em Lisboa, por Salazar e pelo embaixador do Brasil em Portugal, João Ne-

²⁸¹ Foucault, M. *Arqueologia do saber*, p. 140.

²⁸² Conforme a Tabela de colaborações – anexo7 – a *Atlântico* possui 183 colaborações portuguesas, 81 brasileiras, 15 das colônias e 5 de outras nacionalidades.

²⁸³ SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL. Prêmio de Pero Vaz de Caminha. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº3 (1ª Série), 1943, p. 214.

²⁸⁴ SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL. Política do Atlântico. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº3 (1ª Série), 1943, p. 212.

²⁸⁵ SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL. Convenção Luso-Brasileira sobre a Língua Portuguesa. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº5 (1ª Série), 1944, p.206.

ves da Fontoura, na qual “as altas partes contratadas prometem-se estreita colaboração em tudo quanto diga respeito à conservação, defesa e expansão da língua portuguesa, comum aos dois países” – e do Primeiro Congresso Lusobrasileiro de Folclore – realizado em 1948, sob a supervisão do SPN/SNI, com o intuito de manter vivas as tradições do mundo luso, “em sua unidade nacional, ou super-nacional, lusíada, e seus aspectos complementares no Brasil [...], em Portugal e nas províncias ultramarinas portuguesas”²⁸⁶.

A partir de então, pode-se perceber que a criação do Acordo Cultural, ainda que disfarce seu caráter político-ideológico, foi, mais do que uma jogada autoritária entre dois governos ditatoriais, uma forma preventiva de controle por parte de Portugal ou, nas palavras de Ferro, de “contrabalançar a influência da cultura [capitalista] norte-americana”²⁸⁷ no Brasil, já que Getúlio Vargas mantinha boas relações com os americanos. Ainda assim, diante do inevitável apoio do Brasil aos Aliados, no tocante à Segunda Guerra, em 1943, na seção “Documentos” da *Atlântico* nº3, é publicada a nota “Amizade Lusobrasileira” que afirma que:

Independentemente da especial posição política [de neutralidade] de Portugal perante a Guerra, entendeu, por isso, o diretor português da *Atlântico*, dever testemunhar ao diretor brasileiro a sua solidariedade no momento em que os acontecimentos levaram o Brasil para a beligerância.²⁸⁸

Entretanto para manter o propósito de ser “um órgão de aproximação intelectual lusobrasileira”, a *Atlântico*, além de destacar os românticos brasileiros e portugueses divulga também os modernos a quem o Estado pretendia subsidiar visando a utilização de sua obra como forma de propagandear o regime. A inclusão das produções românticas, com suas narrativas recheadas de tramas familiares, paisagens idílicas e pitorescas, dava destaque ao exotismo da cor local, bem aos moldes daquilo que o Estado Novo, no Brasil e em Portugal, valorizava para afirmar o sentimento pátrio que há muito perdera espaço para os interesses cosmopolitas. Por sua vez, o modernismo, ingressando na revista, naquele momento,

²⁸⁶ SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL. O Primeiro Congresso Luso Brasileiro de Folclore. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº6 (2ª Série), 1948, p. 122-7.

²⁸⁷ FERRO, A. Ofício nº175, do Consulado de São Paulo ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 5 de março de 1942. In: M.N.E., 2º piso, armário 48, Março 233ª. Apud: SCHIAVON, Carmem. O Estado Novo no Brasil e as relações luso-brasileiras do período. Vestígios do Passado – A História e suas fontes. ANPUH, RS. 2008. p.12.

²⁸⁸ SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL. Amizade Luso-Brasileira. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº3 (1ª Série), 1943, p. 211.

proclama guerra ao cânone e à fórmula, voltando-se para uma poesia espiritualista, evasiva ou de cunho filosófico, e para uma prosa, ora com as leves cores do cotidiano, ora com tons carregados que já se aproximam do neorrealismo, no caso de Portugal, e ora regionalista e voltada para os dramas sociais do país, ora voltada para os dramas psicológicos e existenciais do indivíduo, no caso do Brasil. Pondo em prática os objetivos antidemocráticos das instituições oficiais do período, confirma-se que o interesse principal do Estado Novo era a divulgação dos princípios ideológicos caros ao regime, ainda que aceitasse em suas publicações “certos artistas ou escritores que não podem considerar-se [nele] integrados cem por cento”²⁸⁹.

É assim que podemos encontrar José Osório de Oliveira fazendo suas considerações sobre a poesia indianista de Gonçalves Dias, que, segundo o crítico, por seu caráter pátrio

ocupa, na evolução da literatura brasileira, um lugar idêntico àquele que tem, na história literária [de Portugal], como poeta, Almeida Garrett”.

[...]

Graças ao grande talento de Gonçalves Dias, a ficção indianista adquiriu, definitivamente, o valor de um mito poético nacional, brasileiro.²⁹⁰

Ou sobre o parnasiano Olavo Bilac que, por sua preocupação nacional, não muito maior que sua preocupação com formalismo dos seus versos: “não tinha sido somente o lírico enamorado da vida, da beleza e da mulher”:

A esse homem deve o Brasil de hoje grande parte de sua consciência nacional. Como se a paixão patriótica fosse um sucedâneo da paixão amorosa, esse poeta [...] transformou-se, com a outra Grande Guerra, no tribuno da defesa nacional, proferindo discursos de propaganda, numa cruzada cívica para fazer adotar no seu país o serviço militar obrigatório.²⁹¹

Por seu turno e dando destaque a outros aspectos das relações literárias, Tasso da Silveira propondo a influência do “espírito naturalista” de Antero de Quental na poesia de Cruz e Souza:

²⁸⁹ FERRO, A. *Dez anos de Política do Espírito*, p.18-9.

²⁹⁰ OLIVEIRA, J. O. Bustos de poetas, para um jardim público. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº1 (1ª Série), 1942, p. 142.

²⁹¹ Ibid. p. 145.

Poder-se-ia dizer, - de maneira, no entanto, excessivamente vaga, - que a aura etérea e sutil de beleza diferente que envolve os cantos do Poeta Negro nos “Últimos Sonetos”, dos sonetos de Antero é que provém.

[...]

Se uma e outra vez a inspiração do Poeta Negro se deixa inteiramente arrastar na corrente do pensamento ideológico e da direção sentimental do grande poeta luso, - às mais das vezes é por oposição violenta que se manifesta em Cruz e Souza essa influência.

[...]

Cruz é vibrante de alento heróico. Em vez de perder-se na contemplação de sua invencível mágoa íntima, como Antero, é perpetuamente movido por um anseio de indefinido apostolado, por um compadecimento profundo, por um vital interesse pelas outras almas e pelos outros destinos.²⁹²

Ou mesmo o escritor português Carlos Queiroz, traz ao conhecimento dos portugueses, o “gênio do sertão, que versejou sobre os genuínos valores culturais populares do nordeste brasileiro”²⁹³, o poeta e compositor musical maranhense Catulo da Paixão Cearense:

A sua incontinência lírica era torrencial e dir-se-ia inesgotável. Neste tempo, vai para quarenta anos, ainda atuava nele, sem misturas de falsa erudição nem de excessivo pitoresco regionalista, aquela influência da poesia popular portuguesa que Mário de Andrade, aprofundando o estudo do folclore do Brasil, reconheceu como poderosa e dominante: - “O que mais incorporamos na nossa música popular fôramos textos das canções lusíadas, sejam acalantos, rodas, quadrinhas soltas, e os já quase esquecidos romances velhos”. Isto é também evidente nas composições da primeira fase poética de Catulo, o qual, não esqueçamos, se acompanhava ao violão.²⁹⁴

O que é mais interessante ressaltar, no entanto, é o texto “O bom e o mau Fialho” de José Lins do Rego que, convidado a falar sobre *Os Gatos*, do escritor português Fialho de Almeida, afirma ter selecionado, do “má-língua”²⁹⁵, do “mestre do jornalismo de panfleto”²⁹⁶, “os capítulos que parecem mais valiosos para os homens de hoje”²⁹⁷:

O melhor é falar do outro Fialho. Do homem que é todo seu século, de uma fluência de forma, de uma força de expressão que nos surpreende, que nos abafa [...]

²⁹² SILVEIRA, T. Antero e Cruz e Souza. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº3 (1ª Série), 1943, p. 48.

²⁹³ QUEIROZ, C. Catulo da Paixão Cearense e a poesia popular. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº2 (2ª Série), 1946, p. 30.

²⁹⁴ Ibid. p.31.

²⁹⁵ REGO, J. O bom e o mau Fialho. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº2 (1ª Série), 1942, p. 231.

²⁹⁶ Ibid. p. 232.

²⁹⁷ Ibid. p. 231.

o que ele foi como nenhum escritor português, foi homem da Terra portuguesa, do campo, da Terra como matriz de tudo.²⁹⁸

Ao escolher “o bom Fialho” em detrimento do “mau Fialho”, José Lins parece dar asas ao discurso feito sob encomenda – lugar comum em tempos de censura – no qual a presença do homem português das aldeias está sempre presente como forma de afirmar o ruralismo proposto pelo sistema cultural do Estado Novo português.

No entanto, não deixa de mostrar o “mau Fialho”, cuja “língua cortava como chicote”, o Fialho que influenciou o “jornalismo brasileiro do começo do século, o Fialho que “para que não confessar? – foi o gênio [...] com todo seu fulgor”.

Aqui, o escritor convidado a fazer uma crítica domesticada d’”Os Gatos” que colore a obra de Fialho de Almeida com as tintas de um elogio derramado ao naturalismo ruralista, que diz amar “o cheiro das resinas, do feno, das oliveiras, dos vinhedos, do suor e da fecundidade dos homens”, dá lugar ao crítico que, sincero, em sua retórica disfarça o prazer de ler o Fialho “daquela coragem de dizer tudo impavidamente” em encargo fastidioso, mostrando ao leitor atento as duas faces de um escritor – o “bom”, que se encaixa aos moldes do Regime e o “mau”, “simples escrevinhador de verrinas” que “queria orientar as massas” – que, como ele mesmo, precisa fazer as vezes de ferramenta do Estado para ver divulgado seu pensamento.

Por outro lado, importa assinalar, ainda no rumo dessas observações que a crítica domesticada de José Lins, como a de tantos outros escritores que publicaram na *Atlântico*, denuncia o convencionalismo que integra grande parte das colaborações presentes revista que, enquanto veículo de divulgação das artes e da cultura, em lugar de renovar seus critérios de escolha no que se refere aos aspectos comentados nas publicações, se pautam, na maioria das vezes, pela fortuna já estabelecida pelos escritores, dando preferência, assim, a tópicos já bastante discutidos como os de cariz nacionalista.

Outro que parece ser exemplo de crítica domesticada é o texto de José Osório de Oliveira sobre os escritores Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Jorge Amado.

²⁹⁸ Ibid. p. 232.

Ao que se pode perceber, José Osório tenta minimizar a denúncia social presente, em maior ou menor grau, em obras importantes de Veríssimo, José Lins e Jorge Amado – *Caminhos Cruzados* (1935), *Fogo Morto* (1943) e *Pedra Bonita* (1938), *Terras do Sem Fim* (1943), *Capitães da Areia* (1937), *Jubiabá* (1935) e *Mar Morto* (1936), respectivamente – reduzindo-as a obras que “por mais realistas que queiram parecer, [figuram como] transposição poética ou deformação intencional da verdade”²⁹⁹. Mais do que esconder o verdadeiro teor dessas obras, Osório omite sua opinião de crítico literário acerca de uma literatura que, por retratar os impasses vividos pelas regiões brasileiras menos favorecidas economicamente a partir de um engajamento político, calcado ou não (no caso de Veríssimo e José Lins) nos ideais marxistas, que propunha ver o país sob a ótica do subdesenvolvimento, muito contribuiu para ampliar os limites da narrativa regionalista no Brasil. Sem mencionar a vasta obra de Graciliano Ramos que, apesar de citado no artigo – e ainda que tenha colaborado com na primeira série da *Atlântico* – sequer tem o título de seus livros destacado por Osório.

Nesse sentido, José Osório, talvez temendo possíveis repreensões e cortes feitos pelo “lápiz azul”³⁰⁰ da censura – num momento em que Portugal procurava fechar o cerco às investidas socialistas ou comunistas – deixa de dar destaque, mais especificamente a Graciliano que, como poucos escritores brasileiros, soube abordar sem panfletagem (já que era membro assumido do Partido Comunista) ou pieguice as relações sociais de violência e exploração, a opressão política e psicológica e a miséria física e intelectual vivida pelo nordeste brasileiro.

No entanto, não teme a censura quando cita a obra *Urupês* (1918) de Monteiro Lobato – não teme nem pelo livro que, na contramão das discussões ufanistas da época, inova não só na linguagem, mas também na visão crítica do nacionalismo e nas considerações de ordem racial, nem pelo autor, conhecido por suas declarações polêmicas a respeito da política getulista e por suas preferências pela ideologia comunista – mesmo que a guisa de justificativa “à falta de sociabilidade” dos brasileiros no tocante aos portugueses:

²⁹⁹ OLIVEIRA, J. O. A outra feição do Romance Brasileiro. *Atlântico Revista Luso-Brasileira*, nº1 (3ª Série), 1949, p. 63.

³⁰⁰ Símbolo de censura da ditadura portuguesa, o lápis azul era usado pelos censores do Estado Novo para fazer cortes ou corrigir os textos ou livros a serem publicados pela imprensa.

Monteiro Lobato se mostrou sempre hostil a tudo quanto era português. Aí por 1918, já com o vício das letras e já interessado pela literatura brasileira, entrei, uma tarde, na extinta Livraria Ferreira, na Rua do Ouro. Em cima do balcão estava uma rima de exemplares da primeira edição do **Urupês** – livro de um desconhecido escritor brasileiro que dentro em pouco, graças a ele, se tornaria célebre. Peguei num exemplar, e vi que era oferecido a Raul Brandão, peguei noutro, e ainda noutro, e vi que todos tinham dedicatórias do autor a escritores portugueses que parecia admirar. Perguntei ao gerente da Livraria se não fazia tenção de enviar os volumes aos destinatários, e ele respondeu-me que não estava pra maçadas. Suponho que os escritores portugueses nunca receberam o livro do confrade brasileiro que tão espontaneamente, ao iniciar a carreira literária, testemunhava por eles admiração ou apreço. Monteiro Lobato deve ter pensado que nenhum deles compreendera o seu gesto ou apreciara seu talento.³⁰¹

Ainda assim, mesmo que sob a ameaça iminente da censura, José Osório de Oliveira – ainda que tenha sido preso em Lisboa em 1919, por conta de um possível envolvimento com o movimento anarcosindicalista, promovido por seu irmão, João de Castro Osório – foi, de longe, um dos portugueses que mais lutou por manter frequentes as relações literárias e culturais entre Brasil e Portugal, ainda que, por esse seu empenho, julgasse, sem falta modéstia, não ser reconhecido:

Pessoalmente, tenho tantas razões de queixa dos brasileiros como qualquer outro português – ou mais ainda, porque não sei de quem, em Portugal, tenha feito tanto pelo Brasil. Basta dizer que já organizei seis antologias da literatura brasileira, que nelas figuram bastantes autores vivos, e que, até hoje, não houve um autor escolhido que me agradecesse, sequer, a oferta do exemplar que sempre mando a cada um. Nem mesmo qualquer crítico brasileiro disse, até hoje, uma palavra sobre a minha atividade como antologista da literatura de seu país! Já estão habituados à minha amizade. Nem eu, aliás, me queixo. Se menciono o fato é só para que os portugueses compreendam que, quando os brasileiros se esquecem de escrever, e não respondem, e deixam de cumprir as promessas, não é por mal, mas, sim, em virtude de um defeito de que não são culpados.

[...]

Isso não quer dizer que os outros brasileiros sejam, todos, infiéis à amizade. Recebo muitos livros enviados pelos autores e outras provas de estima: lá de vez em quando, um artigo ditado pelo afeto; uma ou outra carta, apressada mas carinhosa. E sei que, mesmo que decorra uma dezena de anos, voltando ao Brasil, encontrarei sempre alguns amigos indefectíveis.³⁰²

Entre os “amigos indefectíveis”, o primeiro a ser lembrado, seria Mário de Andrade, que se surpreende com o “Adeus à literatura brasileira” de José Osório,

³⁰¹ OLIVEIRA, J. O. Falta de sociabilidade. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº1 (3ª Série), 1949, p. 91.

³⁰² Ibid. p. 90.

considerando tal texto como “derrapagem de um momento de irritação”³⁰³ já que o considera “mais do que um amigo, outra mão sensibilíssima e uma inteligência livre e aguda, que revelou a inteligência viva do Brasil a Portugal”³⁰⁴. Outros escritores consagrados como Augusto Frederico Schmidt, também reconhecem a persistência do trabalho do crítico português:

É impossível dedicação maior pelas letras brasileiras que a do Sr. José Osório de Oliveira. Tornou-se esse escritor [...] um conhecedor avisado e lúcido de nossa literatura, um sabedor incomparável, um mestre de coisas brasileiras, capaz de, aqui mesmo, ensinar em qualquer cátedra o muito que sabe.

Em Portugal, José Osório é incansável revelador de nossos valores, o infatigável retificador de enganos, o homem que não hesita e não erra em dizer o que é falso, o que é matéria de exportação pura e simples e o que é realmente substancial e merecedor de ser conhecido e celebrado. Devem, os escritores brasileiros, a esse espírito combativo, apaixonado e que vive realmente a sua paixão pelo Brasil [...] feliz e de si mesmo satisfeito; devem os homens de letras e a nossa literatura grande parte do que se sabe hoje em Portugal das nossas coisas e dos nossos escritores, poetas, ensaístas, enfim, de todos os que escrevem e vão procurando formar uma literatura nesta terra.

Não é apenas, porém, José Osório de Oliveira um informante alerta e um divulgador avisado, mas deverá ser contado como um dos melhores críticos que possuímos, alguém que tem sabido julgar as letras brasileiras com segurança, fora mesmo do relativo de ser português e assim crescer-lhe o mérito da atenção que nos dedica.

[...]

Não repetiu louvores a quem os não merecia, não disputou lauréis, não se candidatou a prêmios literários, não se quis transformar em uma espécie de medalhão do intercâmbio lusobrasileiro. Estudou apenas profundamente os nossos autores, os de ontem e os de hoje, e só rigorosamente lhe há perdoar a abundância que esse homem, que não é fácil e nem sempre ameno, pôs em nos amar, em se abandonar à sua verdadeira mania do Brasil.

Vários são os livros que às nossas letras dedicou José Osório de Oliveira; organizou coleções e antologias, e durante anos, na imprensa portuguesa, dedicou-se pacientemente anos fazer presentes em Portugal; a lembrar-nos aos portugueses, a repetir que nós, brasileiros, valemos algo e que é indispensável que Portugal nos conheça e admire que em nós reveja uma das glórias, a maior glória, segundo José Osório, do seu gênio criador.³⁰⁵

E ainda nomes pouco conhecidos como o escritor gaúcho Manoelito de Ornellas enfatizam o papel de Osório como “embaixador da cultura brasileira nessas terras da Europa [...] a quem o Brasil deve o que ainda não teve tempo de va-

³⁰³ ANDRADE, M. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1940. Apud: SARAIVA, A. op. cit. p. 599.

³⁰⁴ Ibid.

³⁰⁵ SCHIMIDT, A. Machado em Portugal. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº1 (3ª Série), 1949, p. 88.

lorizar”³⁰⁶. Dirigindo-se ao próprio, expande-se: “Agradeço a V. essa recomendação e a forma como qualifica meu livro. É o primeiro aplauso que recebo de Portugal”³⁰⁷.

No entanto, faziam parte de suas relações escritores atuantes no intercâmbio lusobrasileiro que assumiam posturas políticas diferentes dos ideais salazaristas, como era o caso de Cecília Meireles, para quem Osório foi fundamentalmente importante não só como facilitador da primeira visita da escritora a Portugal, em 1934 – já que providenciara, junto a António Ferro, os trâmites legais relativos à visita e às conferências de Cecília sobre literatura, política, educação e cultura ministradas durante a 1ª Exposição Colonial Portuguesa, realizada, em 1934, no Palácio de Cristal do Porto – como também enquanto divulgador, em Portugal, da obra poética de uma escritora deveras política e intelectualmente ativa para a sociedade conservadora e machista de então:

Para quantos, em Portugal, sabem apreciar a poesia, ela é, incontestavelmente, a maior poetisa da língua portuguesa, de todos os tempos. Nunca vi, no entanto, que o Brasil lhe reconhecesse tal primazia, sendo ela brasileira, talvez porque os seus compatriotas pressintam que, no fundo, tão universal poetisa não pertence ao país onde nasceu.

Quando Cecília publicou o primeiro livro: **Nunca Mais... e Poema dos Poemas**, o mais lúcido crítico de então, que era ainda João Ribeiro, negou-lhe o valor, já então evidente. Quando essa mulher de grande cultura e supremamente inteligente se candidatou à cadeira de Literatura da Escola Normal do Distrito Federal, com uma tese brilhante: **O Espírito Vitorioso**, não foi provida no lugar. Embora tivesse sido aprovado e adotado, pela Diretoria Geral de Instrução Pública, um livro seu de leituras escolares: **Criança, meu amor...**, nunca a pedagoga viu seu mérito devidamente [...] É certo que Mário de Andrade soube dizer, então, as palavras que Cecília Meireles tinha o direito de esperar dos espíritos superiores do seu país, como recentemente, a propósito do seu último livro: **Retrato Natural**, não lhe faltou o aplauso de outro espírito quase do mesmo quilate: Carlos Drummond de Andrade.

[...]

Prosadora, poucos, na língua portuguesa, a ultrapassarão em sensibilidade lírica, como se verificará quando aparecer sua novela **Olhinhos de Gato**, já em parte publicada numa revista portuguesa; ninguém a acompanha como criadora de metáforas poéticas, e a prova está na maravilhosa “Evocação Lírica de Lisboa” que esta revista publicou.

Um dos pontos mais interessante das cartas trocadas entre Cecília e Osório, nas quais acertam os detalhes da viagem da escritora a Portugal, é aquela em

³⁰⁶ ORNELLAS, M. Mensagem para Portugal. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº1 (3ª Série), 1949, p. 92.

³⁰⁷ Ibid.

que Osório, como raras vezes, deixa entrever suas impressões acerca da situação política do momento:

Eu só tenho importância para os literatos, mal visto que sou pela situação política, apesar de afastado de preocupações desse gênero. Cada vez mais, só me interessam os livros e as ideias, e fico indiferente às agitações dos sapos que pedem um rei, um ditador, um presidente da república ou um comissário do povo. Só os artistas, os prosadores, os poetas me interessam no mundo. Por isso me interesso por si e pelo Correia Dias, independentemente da estima pessoal que me inspiram. Se fosse rico ou poderoso, havia de convidar todas as pessoas interessantes a vir a Portugal. E nisso gastaria o meu dinheiro, ou o do Estado, com mais utilidade do que fazendo navios de guerra.³⁰⁸

A escritora e educadora Cecília Meireles, que já havia realizado no Brasil a conferência “Saudação à menina de Portugal”, em agosto de 1930, no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, além de tantas outras conferências sobre a **Escola Nova** – “Por que a escola deve ser leiga?” e “Arte de educar” – proferiu, em Portugal, quatro conferências, dentre elas, “Notícias da poesia brasileira”, realizada na sede do Secretariado de Propaganda Nacional, na qual divulgou poetas brasileiros ainda pouco conhecidos no Portugal dos anos 30, como Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Raul Bopp, Mário de Andrade e Jorge de Lima e “O Brasil e sua obra de educação”, palestra ministrada na Faculdade de Letras de Lisboa, onde apresenta as propostas e reformas de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira na área educacional:

O Brasil encontrou, desde há alguns anos, uma fase construtiva que excede o interesse passivo da tradição acumulada. [...] A grande obra que um pequeno grupo de homens de coragem empreendeu e despertou da rotina em que se iam desfalecendo os seus poderes de terra jovem, sacrificada pela mentalidade estacionária e até retrógrada de sucessivas gerações administrativas. [...] Por ter uma base de gratuidade, obrigatoriedade, laicidade e coeducação, a reforma garantia a estabilidade social. O ensino que, sendo gratuito, podia e devia ser obrigatório, salvava a criança precocemente aproveitada para trabalhos inconciliáveis com seu desenvolvimento biológico; a laicidade escolar era imprescindível num país em que todos os cultos se respeitam.³⁰⁹

Conferência essa, bastante controversa para ser proferida em um país conservador, onde Estado, Escola e Igreja andam de mãos dadas. O que só comprova como os governos português e brasileiro sabiam acolher – preocupados em manter

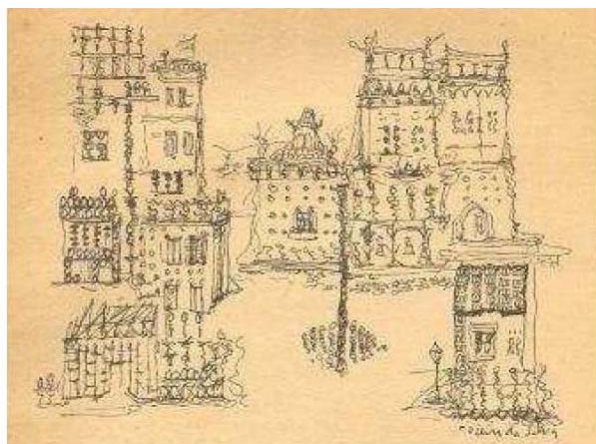
³⁰⁸ OLIVEIRA, J. O. Carta para Cecília Meireles. Lisboa, 26 Abr.1934, 2f.

³⁰⁹ MEIRELES, C. O Brasil e sua obra de educação. Conferência, Lisboa, Mai. 1934.

sob controle questões de ordem político-ideológica através de uma suposta “Política Atlântica” com o Brasil, no caso de Portugal, ou interessados em promover a cultura brasileira na Europa, fazendo de Portugal uma porta de entrada, no caso do Brasil – intelectuais politicamente ativos, coniventes ou não com sua ideologia autoritária.

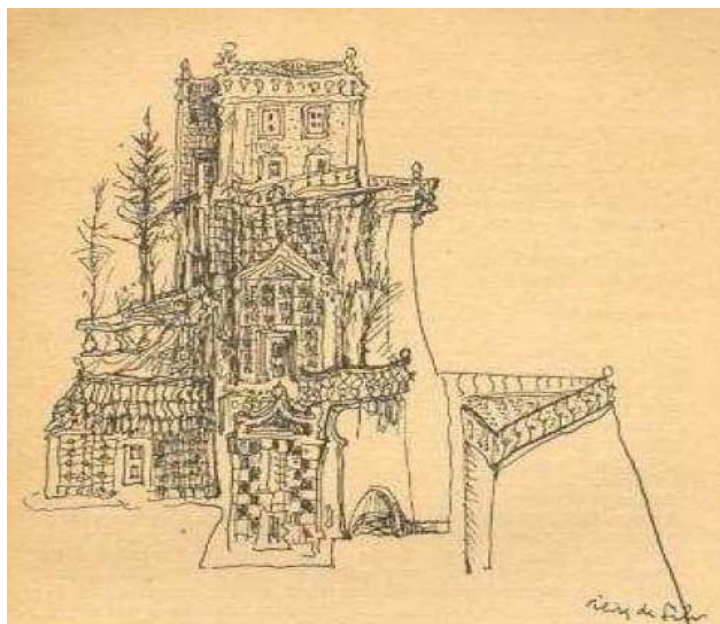
Talvez, por essa suposta acolhida, Cecília tenha sido a merecedora de uma das publicações de maior sensibilidade e lirismo da revista *Atlântico*, aquela em que sua “Evocação Lírica de Lisboa”, que segundo o editor e amigo José Osório de Oliveira “é das mais belas, senão a mais bela, de toda a prosa até hoje inspirada na cidade tágide”³¹⁰, é ilustrada pelos desenhos modernistas da artista portuguesa Maria Helena Vieira da Silva.

A convite da amiga Cecília Meireles, Vieira da Silva – que, surpreendida pela Guerra e temendo as perseguições nazifascistas freqüentes na Europa, se exilou no Rio de Janeiro ao lado do marido, judeu húngaro, e também artista plástico Arpad Szenes, entre 1940 e 1947, após a recusa do governo Salazar tanto em reativar sua cidadania portuguesa, perdida depois do casamento em França, como em aceitar seu quadro, encomendado pelo próprio SPN, para integrar a Exposição do Mundo Português, supostamente por não atender às premissas estéticas pretendidas pelo Estado – aceita ilustrar a crônica “Evocação Lírica de Lisboa”, que a própria Cecília já havia lido no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 1947, na ocasião das comemorações do VIII centenário da tomada de Lisboa aos mouros, antes de vê-la publicada na *Atlântico*.

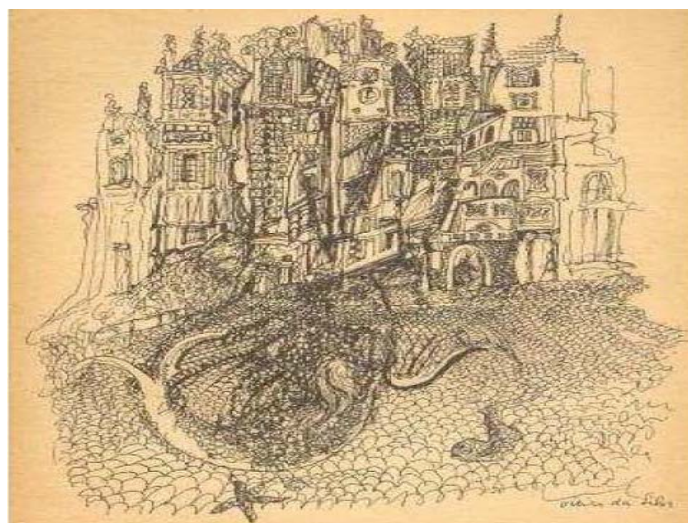


³¹⁰ OLIVEIRA, J. O. Vária. *Atlântico Revista Luso-Brasileira*, nº5 (2ª Série), 1947, p. 120.

Acordas num lugar de brumas: brumas azuis e cor-de-rosa. Não tens certeza do céu, mas sentes em redor de ti um arejado bocejo de água. Dizem-te: LISBOA. Não podes ainda ver claramente. São tudo espumas de aurora. Mas de repente o sol atira certa uma chispa de ouro. E sentes um brilho súbito de nácar descoberto. Repetem-te: LISBOA. Percebes à beira do rio aquele caramujo enrodilhado, que vai ficando cintilante, poliédrico, de ouro, de vidro, de límpido e húmido azulejo.



Vês a praça do mercado, e juras que tudo isso nasceu das águas: não é orvalho nem chuva nem rega da horta que goteja dos desabrochados repolhos, que escorre pelo caprichoso mármore das abóbadas: é uma água mais longa, que funde os pés das regateiras num pedestal móvel, escorregadio, sem fortes certezas de terra. Sua voz também é de alto mar: grito de temporal, exclamação entre mastros, em horas viris de aventura, com o naufrágio aberto ao redor. [...]



Ficas tão rico de antigamente, tão vencido por um amor de cançãoeiro, por uma ternura conventual, dolorosa, - e ao mesmo tempo desejas sorrir, dançar, não pensar em nada, ficar por essas praças, por esses jardins que são a imagem da vida, e por onde andam crianças como pequenas flores soltas, com laços nos cabelos, iguais a felizes borboletas aprisionadas.

Tens vontade de estar em todas as varandas, de olhar a paisagem de todas as curvas, de avistar os caminhos que desaparecem longe de ti. [...]



Se lhes perguntarem onde irão pousar, depois de terem visto o mundo, as viagens, o ar sem termo, a largueza da água, responderão: “Em LISBOA”. Em Lisboa. E elas não sabem porque. Tu também não sabes, não entendes. Ficas apenas extasiado.³¹¹

Dotadas de um lirismo labiríntico que passeia entre o abstrato e o fugidio, Cecília e Vieira em “Evocação Lírica de Lisboa” parecem integrar, em seu processo de criação, um mesmo *corpus* artístico que joga com os diálogos entre a abstração simbólica e a evocação figurativa da cidade de Lisboa, escondida pelas “brumas azuis e cor-de-rosa”.

É como se a escritora brasileira se identificasse com o modo de criação que percebe em Vieira, identificação esta, concretizada após uma visita feita à Exposição da artista, em 1944, na Galeria Askanasy, no Rio de Janeiro:

[...] Fiz um prodigioso passeio pelos quadros de Maria Helena! [...] Não haveria melhor ambiente para os quadros de Maria Helena, que tem todas as virtudes líricas: são íntimos e discretos e falam com vozes familiares de assuntos que, segundo o ouvinte, podem ser ternos, graves, tremendos, sobrenaturais.³¹²

E como se Vieira, influenciada pelas imagens simbólicas de Portugal evocadas por Cecília, construísse seu imaginário pictórico, não só pelas próprias

³¹¹ MEIRELES, C. Evocação Lírica de Lisboa. **Atlântico Revista Luso-Brasileira**, nº6 (2ª Série), 1948, p. 1-10.

³¹² MEIRELES, C. Passeio prodigioso. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 Out.1944, p.6

lembranças, já desgastadas pela decepção do exílio, mas pelos olhos atentos da escritora.

Mais do que influenciadas uma pela outra não só pela familiaridade criativa reciprocamente reconhecida nas “virtudes líricas” ³¹³, mas também e principalmente pelos laços lusobrasileiros estabelecidos, segundo Amanda Pereira³¹⁴, a partir da remissão do passado português, vivo somente na memória da cidade evocada – memória evocada em Cecília pelas visitas feitas a Portugal e pelas lembranças herdadas da avó açoreana e do marido português e em Vieira pelas lembranças da matriz lusa perdida – Vieira e Cecília, na crônica ilustrada supracitada, cada uma a seu modo, parecem se complementar.

E se complementam claro está, não pelo lirismo que as aproxima, mas por aquilo que possuem de marca individual: Cecília, num movimento de aproximação com relação a Portugal, se utiliza de uma linguagem convencional, ainda que repleta de metáforas e símbolos, procurando descrever uma Lisboa em busca de suas tradições e Vieira, com sua linguagem plástica moderna e trágica, traça, de maneira abstrata, paisagens evocativas da cidade de Lisboa, vistas a partir do exílio, mostrando uma cidade distante e fantasmática, que parece mais refletir seu desenraizamento em relação à cidade lusa.

Evocação lírica de Lisboa, ainda que nos pareça a representação mais clara do diálogo lusobrasileiro proposto pela redação da *Atlântico*, deixa transparecer, no entanto, além de uma aresta importante a ser aparada: reconsiderar a proposta de publicação cujas colaborações se mostrassem uma troca justa entre Brasil e Portugal, uma pergunta instigante: seria mesmo a *Atlântico* uma revista lusobrasileira?

Evocar Lisboa, seus encantos e seus contos e, por vezes, Brasil e as colônias africanas, parece ser a maneira mais correta de caracterizar uma revista cuja preferência pelas publicações portuguesas – se não pelo tema luso – parece ficar bem clara quanto se vai à contabilidade das colaborações, mesmo com todo o esforço empreendido pelo lusobrasileiro José Osório de Oliveira, redator da revista, em sempre trazer o Brasil ou as colônias à baila. O que não lhe tira a importância ou o caráter eclético, já que, apesar de ser uma revista de caráter oficioso, atende

³¹³ Ibid.

³¹⁴ PEREIRA, A. *Viagens e Souvenirs: uma conversa entre Cecília Meireles e Vieira da Silva*, p.40.

tanto ao gosto tradicional, quanto aos movimentos de vanguarda³¹⁵, e que mais do que propiciar a ampliação do circuito de produções entre os países unidos pela língua portuguesa proporcionando a viabilização do intercâmbio entre artistas dos três continentes (ainda que a participação de brasileiros e africanos fosse menor), mostra a importância da *Atlântico* enquanto meio de divulgação de imagens, conferências e ensaios que não foram publicados em outro lugar, além do espectro amplo de linguagens e gêneros acolhidos, permitindo as trocas entre as artes e dando oportunidade ao leitor de perceber relações entre as mesmas.

³¹⁵ Cabe ressaltar aqui que algumas das colaborações da revista, como o caso de Cecília Meireles e Vieira da Silva, não se definem nem entre os textos tradicionais nem entre os da vanguarda. Seriam tratamentos peculiares dos experimentos com as linguagens que não se radicalizam, na direção vanguardista, nem se apegam à tradição.